

Dedico este livro à minha mãe. Ela, que prefere contos a romances devido à sua ávida impaciência pelo fim, pela conclusão, por um sentido. Minha mãe, Divina, artista da culinária, princesa da modéstia, modelo da beleza natural eterna, inteligência oriunda do mais humilde, caráter e alma que embriagam; conjugação de todo o fascínio: é a mulher, mulher, que define o bravo, que vem a ser minha maior fonte de inspiração bem como a pessoa, de um modo simples e poderoso, que eu mais amo neste mundo, neste mim. Entrego-te o meu melhor lado, mãezinha. E fiquemos por aqui, sob essas palavras limitadas perante tudo o que eu sou capaz de sentir por ti, mamãe – apenas você me faz renascer passional. Mamãe.

Mesmo bombardeada por excelentes ideias, sem querer me proíbo de elaborá-las visando a um quase perfeito enredo. Pois isso seria penoso, e então escrever poderia ser considerado uma profissão; um trabalho.

Não.

1- Introdução instantânea ao milagre da vida

– Quando eu estava grávida tive essas mesmas dores que, afinal, foram o motivo de eu ter perdido o meu filho – informava determinada mulher aos meus pais. – Uma desgraça!

Alertado, meu pai fica cruelmente atormentado. Até, no entanto, certa noite – que chegou rápida.

– Querida. Fique tranquila. Na igreja foi dito claramente que o inimigo enviou a mensagem de que haveria morte, mas, em contrapartida, foi declarado que haverá é vida e muita alegria em nossa casa. Fui ainda confirmado: “Ah Senhor, será que é comigo que está falando?” pensei. “É com você mesmo que estou falando”, através da boca do irmão, vigorosamente.

Minha mãe, então, libera um sorriso de onde escorrego caindo no mundo. Em homenagem a essa metáfora, sofro inúmeras quedas densas do berço, ainda frágil.

Crescida alguns inofensivos centímetros morais, agitada regularmente, converso com todo o mundo, doando a eles vivacidade.

E lá eu me ia, *todos os dias*, vestir minha meia-calça e vestidinho branco dirigindo-me à televisão mais fita de vídeo:

– Liga o cuô – apontava os aparelhos.

Sendo minha ordem atendida, dançava a festa junina reproduzida na tela, encantando a todos. Retirava-me cantarolando:

– Jesus! Habita em meu coração – a voz falhando; as palavras pronunciadas erroneamente. Lindamente.

Então caminhava até meu tio, propondo-lhe:

– Vamos brincar de casinha. Vá tomar banho, filho – fazendo-o simular um chuveiro em baixo da árvore.

– Deixe de ser bobo, Tonho – discordava minha avó.

Mas ele o fazia por livre e espontânea vontade, conduzido pelo amor.

A minha primeira paixão em garotinha foi um primo. O seguia, engatinhando, para cá e para lá. Minha chupeta era o meu coração, disposta a entregar-lhe.

Aproveitava as visitas à casa de um colega da família: pulava em sua gorda barriga com diversão estrondosa.

– Pançudo!

– Filha, não pode chamá-lo assim – consertava meu pai envergonhado.

– Ih! Que nada! Eu nem ligo – o outro homem com risos sinceros.

Os três anos mais tarde trouxeram minha irmã, embrulhada no colo de minha mãe, o que me causava lágrimas junto de um rosto inchado. Arremessava-lhe objetos intencionalmente. Por ciúmes.

Chorava também agarrada às grades da escolinha:

– Eu quero estudar!

Em momentos isolados – ou até tumultuados – vivenciava as histórias de Marasck e Morasck, meus primeiros personagens.

– Marasck, desce daí! Morasck, não puxa o cabelo do Marasck!

Ao finalmente ingressar na escola – onde, no primeiro dia, fiz pipi nas calças de nervosismo ao ver minha mãe indo embora – de imediato eu aprendi a ler e a escrever, tornando-me uma boa aluna. Aquela sede de aprendiz – nas duas áreas mencionadas – era voraz, interpolando o andamento dos coleguinhas. Bombardeava minha mãe em casa com perguntas gramaticais. Encontrava-me cheia de mim ao aprender a escrever *cachorro*, julgando a palavra mais difícil do mundo por conter CH e RR.

No recreio, ao tocar o sinal, correria – havia uma disputa avassaladora entre os inúmeros alunos a fim de tomarem posse dos quatro balanços (com consequência de uma enorme fila, claro) e do cavalinho de mola (brinquedo mais legal do planeta!), que tristemente logo foi abolido. A mesma briga (dessa vez curiosa) para pegar a revista do Patinho Feio. Já chegaram a me beliscar quando eu, certa vez, por sorte a primeira da fila, peguei tal revistinha primeiro.

De encontro à saída, no horário de ir embora, eu subia as escadas de mãos dadas com minha – até hoje – melhor amiga.

Corria para compor minhas histórias.

2- Primeiros gostosos passos